

**Arquivo
quer público**

DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO III Nº 25/26
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

CONTRATO Nº 3956791
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO



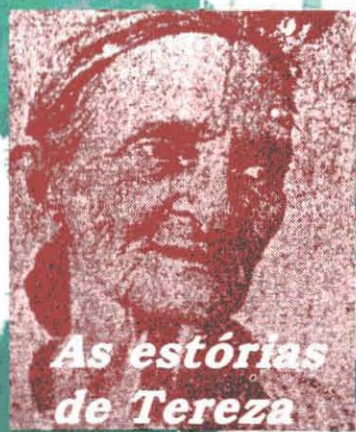
**Belém é
saudade**



**O mundo
e os
fins de
Cardoso**



**Os
versos
de
Quintina**



**As histórias
de Tereza**



**Samba
malandro**

Reviver Formosa



Formosa dos Coiros

Num texto em que predomina o estilo coloquial, Maria Aparecida Hamu Opa conta facetas do cotidiano de Formosa desprezando dados históricos. Ela prefere lembrar passagens da vida da cidade enfocando os ensinamentos do sempre presente Machado de Assis: "O passado é um pecúlio para quem não tem presente nem futuro".

□ Maria Aparecida Hamu Opa

Ouvir e contar histórias de nossa gente ou recordar fatos já vividos foi sempre para mim motivo de prazer e de amena e gostosa nostalgia.

Todos gostam e muita gente importante já tentou achar justificativa: Machado de Assis disse que "o passado é um pecúlio para quem não tem presente nem futuro". Um inglês escreveu que "o passado é uma obra de arte, isenta de irrelevâncias e inconseqüências". Mas o certo mesmo é que no passado estão os dias felizes e irresponsáveis acompanhados das pessoas que amamos muito um dia e que para lá se mudaram.

Por tudo isto foi que, ao

ser chamada para falar nesta significativa oportunidade, não relutei em aceitar. Consciente depois da responsabilidade que me foi conferida, assustei-me. É este um momento ímpar para a história de Formosa, onde poucos se preocupam em coletar informes sobre grande parte da nossa cultura que se esvai pelo tempo e que tanto significou na formação, nas conquistas e na vida da nossa cidade de hoje.

Assim, foi o coração, o amor e a saudade que decidiram sobre as lembranças que hoje lhes trago.

Não pretendo neste texto levantar dados históricos nem político-administrativos.

Não vou questionar se é realmente correta a

assertiva de que as primeiras casas foram cobertas de couro. No entanto, Cunha Matos na *Chorografia Histórica da Província de Goiás*, de 1824, cita exatamente:

"...estive no Itiquira, donde passou para o lugar dos Couros, assim chamado em razão da enormíssima quantidade de gado manso e feral que ali se acumulavam e eram exportados para o Rio de Janeiro e outros lugares."

Se, como se diz, o arraial foi fundado pelos negros, e a primeira rua era denominada Rua dos Crioulos, onde estão os descendentes destes negros? Para onde foram? E por quê? Não tenho lembranças de famílias com caracte-



Visão panorâmica de Formosa antiga: praça Imaculada Conceição e rua Herculano Lobo

terísticas físicas de escravos!

Nunca fiz nenhuma pesquisa científica e o que lhes vou expor neste momento são causos de minha memória – ou os vi acontecer ou os ouvi contar.

Um profundo sentimento religioso sempre impregnou a vida formosense. A chegada dos dominicanos em 1905 certamente influenciou de forma significativa neste aspecto. A velha matriz, amparada em um paredão vertical à direita, que chamávamos de gigante, era o centro da comunidade local; rezas, festas religiosas, casamentos, promessas e devoções. Destas, as que maiores saudades me trazem aconte-

ceram no mês de maio. Um frio intenso nos acompanhava às 6 da manhã para a missa em latim, durante o mês todo e à noite havia a oferta de flores. As alunas das escolas, ensaiadas pelas irmãs, iam vestidas de branco oferecer flores a Nossa Senhora. Enfileiradas, cantando, em formações variadas e originais, contornavam o interior da igreja e subiam até o altar-mor para que as primeiras das filas, vestidas de anjo, coletassem as flores e as depositassem aos pés da Virgem. E cantávamos: *Vinde povos trazer flores Cantar hinos de alegria Saudar com mil louvores A doce Virgem Maria.*

*Neste mês de alegria
Tão lindo mês de flores
Queremos de Maria
Celebrar os louvores...*

No dia 31, com maior solenidade, a Mãe do Céu era coroada. E com que emoção participávamos da subida aos degraus do altar para ficar no topo, tocando o teto e ao lado da imagem de Nossa Senhora da Conceição.

A Semana Santa, embora silenciosa e triste, constituía realmente, durante toda a Quaresma, um tempo de contrição e de recolhimento. As imagens todas eram vestidas de roxo, às sextas-feiras não se comia carne e à noite, à via sacra, se cantava: *A morrer crucificado Meu Jesus é condenado Por teus crimes pecador!*

Sexta-feira da Paixão a tristeza baixava sobre a cidade e parecia que neste dia até os galos cantavam

tristes. Não tocavam os tradicionais sinos da igreja. A hora da procissão do enterro era avisada pela matrícula: uma alça frouxa de ferro afixada numa tábua que, agitada, fazia um ruído característico e conhecido.

Isto sem falar das inúmeras crendices que provocava este dia:

– Tirar leite? Saía sangue.

– Carrear? Virava alma penada após a morte e passava anos carreando pelas madrugadas das sextas-feiras e assombrando a gente. Quem da minha geração não ouviu o canto do carro de boi assombrado? E o monjolo daquele indivíduo que socou arroz na Sexta-Feira da Paixão?...

Como era feliz, ingênuo e crédulo o nosso povo... Eu juro que até pelos anos 54 e 55 ouvi um carro cantador na sexta-feira e

Bucaina. Ouvi tantas histórias, que planejei mil vezes procurar os antigos moradores ainda vivos então, e morando cá na cidade, correndo da tal assombração. Não o fiz. E sinto por isto.

Várias lendas povoaram a minha infância: a palmeira da Lagoa Feia; a serpente da Praça Rui Barbosa, o porco imenso que à meia-noite aparecia sob o velho jatobazeiro da Bica.

A querida e famosa Bica, que hoje nada mais é que um córrego canalizado sob o asfalto da Av. Brasília, foi logradouro importante para a nossa juventude. Era lá que, às tardes, antes da “reza” na matriz, íamos passear. Sem as preocupações e as contaminações de agora, bebíamos com as mãos em concha a água fresca que descia da nascente localizada na

Formosa atual: ruas movimentadas demonstram o crescente comércio



tive medo.

Oh! e medo mesmo eu tive do Romãozinho! As coisas mirabolantes que contavam com tanta veemência e riqueza de detalhes abalam até hoje a nossa incredulidade no sobrenatural. Passei certa vez, há menos de 20 anos, pela casa onde ele reinou, lá pelos lados da fazenda

mata pouco acima.

Daí o chiste popular, que não é só nosso, como cita o Dr. Pimentel (Antônio Pimentel é historiador) também em seu livro sobre Luziânia: “Quem bebe água da bica, aqui fica”.

A juventude de hoje questiona como era nossa vida naquela era sem TV, sem CD e sem vídeo. No



ZÉ RAMALHO
(PDT)

Pouca gente sabe, mas Brasília possui um dos mais completos arquivos públicos do Brasil. Incomparável fonte de pesquisa histórica e cultural, através de documentos, livros, fotos e vídeos, o nosso arquivo público, infelizmente, é pouco conhecido e procurado.

Precisamos estimular as crianças a descobrir suas raízes e incentivar os professores a levar seus alunos para conhecer e pesquisar nossa história. Então, que tal um passeio no Arquivo Público?



ODILON AIRES
(PMDB)

O Arquivo Público é um reservatório e guardião de toda a memória de uma cidade. Pois é nele que os estudiosos e historiadores do amanhã haverão de encontrar material de pesquisa e de resgate de um povo, além de um confronto histórico. O de Brasília é a prova evidente dessas premissas, pois nos mostra um acúmulo de mais de duzentos anos da história do nosso Planalto Central.

entanto, lazer e entretenimento não nos faltavam: piqueniques na Lagoa Feia, na Usina, nas fazendas, na Chácara dos Padres; festas religiosas com leilões e barraquinhas; bailes familiares tão constantes que, mesmo sem motivo, tudo terminava em “bolero”.

Tínhamos também cinema e teatro às vezes.

Certa feita, em ano que não me recordo, às novenas de Nossa Senhora da Abadia, principal festa daqueles tempos, quando moradores de todas as bandas demandavam à cidade e acampavam no mato da Bica, os leilões iam animados. A banda de música tocava, o leiloeiro apregoava e a moçada namorava.

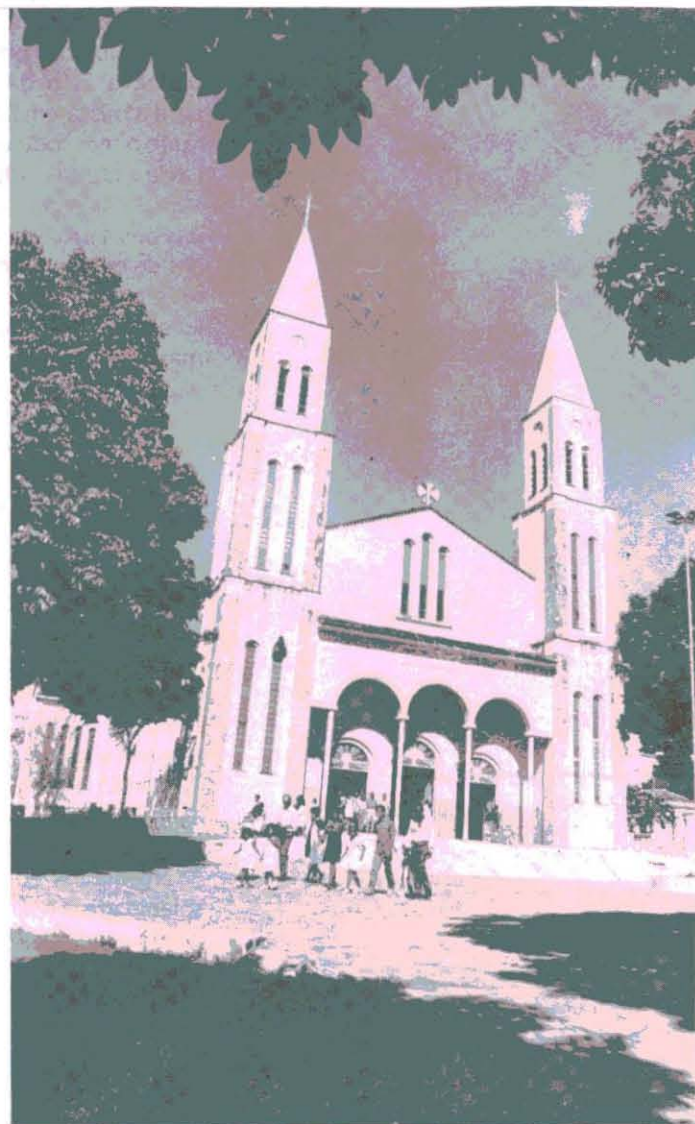
Um gaiato anunciou a notícia bomba: “Saul está entrando na cidade”.

Foi aquele corre-corre e a festa acabou, pois todos corriam em demanda às suas casas.

Saul foi o cangaceiro desta região e embora não tenhamos notícias sobre sua ação nesta cidade, a sua fama de Lampião ame-drontou Formosa várias vezes.

Conta-se que, naquela noite em que a notícia desbaratou o leilão, um determinado indivíduo apavorado corria para casa quando sentiu os fundos de sua calça umedecidos. Apalpou e sentindo a mão molhada, levou-a à altura do nariz e reconhecendo um odor característico exclamou: “Socorro! Se sangue feder, estou ferido!”

Não quero em absoluto deixar a imagem ou a falsa impressão de que a sociedade formosense daquela época era ignorante ou simplória. Pelo contrário, a educação em Formosa desde a 1ª década deste século tem sido mola do progres-





A construção da suntuosa catedral de Formosa, símbolo da cidade, começou em 1959. A antiga igreja de Santo Estevão está localizada na praça Rui Barbosa.



so, da ordem e da felicidade.

Tenho em mãos cópias de números da *Informação Goiana* que trazem notícias bastante elogiosas sobre a educação em Formosa:

“Citarei aqui algumas das mais importantes casas de ensino particular no Estado de Goiás onde a educação intelectual vai progredindo dia-a-dia da maneira mais auspiciosa.

Sob a brilhante direção do Professor Antônio Euzébio de Abreu, que há vinte anos milita no magistério, há nesta florescente cidade do planalto central um magnífico instituto de ensino secundário, onde se lecionam todas as matérias exigidas para a matrícula nas escolas superiores.

Dispõe o Colégio Formosense de confortável edifício, com lotação para mais de 100 internos.

Ao lado do internato funciona o externato, que é bem freqüentado. Além do curso propedêutico, há

Casa comercial e residencial do Dr. Olímpio de Melo Álvares, onde se negociavam secos e molhados

ainda aulas de higiene escolar, instrução cívica com exercício militar à francesa e jiu-jitsu.

Ainda de iniciativa particular, há em Formosa um colégio de irmãs dominicanas, onde a matrícula atinge anualmente ao número de 180 alunos. Atualmente, é a cidade goiana que dispõe de melhor instrução”. (O Ensino em Goiás, Vítor de Carvalho Ramos. Rio de Janeiro, 15/11/1917.)

Quase um ano depois é o próprio professor Antônio Euzébio que escreve na mesma *Informação Goiana*, Rio de Janeiro, 15 de junho de 1918. Por ser extenso cito apenas alguns extratos: “... Entre outros devo citar o de Formosa, o qual tive o prazer patriótico de organizar à requisi-

ção do governo local cujo programa de ensino e métodos empregados deveriam merecer imitação por parte dos demais municípios goianos e outros e outros, por este país afora, onde a instrução primária ainda conserva como troféu colonial o bê-a-bá cantado segundo a cartilha bisseccular do apoteosado professor Coruja. O grupo escolar de Formosa, moldado de conformidade com os métodos modernos, mais produtivos, tem um programa expurgado de todas as inutilidades e sobrecargas que confundem e esmorecem os jovens escolares, que, assim, se retiram dos muitos estabelecimentos que freqüentam, ignorando as regras mais elementares da linguagem nacional e desconhecendo ordinariamente as mais simples noções de geografia do seu Estado e do Brasil.

O curso escolar é ali de quatro anos, podendo o alunado inteligente e aplicado ser promovido três



JOSÉ EDMAR CORDEIRO
(PSDB)

Apesar de ter dado sua contribuição para o desenvolvimento do País, o idoso é penalizado com a ausência de medidas que o tirem da marginalidade. Para valorizar e dar dignidade à terceira idade no DF, apresentei projeto criando a Bolsa Idoso. Além de garantir uma cesta básica de alimentos e meio salário mínimo ao idoso a partir dos 65 anos, a proposta prevê acesso gratuito aos espetáculos culturais, esportivos e recreativos. Serão reservados 5% da lotação aos idosos, quando os programas forem realizados em recintos fechados.



JORGE CAUHY
(PMDB)

Todos os dias tomamos conhecimento de um volume considerável de acontecimentos e informações, que mal temos tempo de analisar em sua real profundidade. Talvez aí resida a máxima de que o "brasileiro tem memória curta". No caso específico de Brasília, cidade com apenas 36 anos, é indispensável o trabalho realizado pelo Arquivo Público de registrar para as gerações futuras a memória cultural da cidade. Lamentamos apenas que trabalho de tal magnitude não receba a contrapartida necessária de recursos humanos e financeiros para melhor desempenhar seu propósito.

vezes no decurso do ano escolar e receber no fim do 1º ano de frequência o seu certificado de "conclusão", que o isenta da obrigatoriedade de ensino e lhe permite cuidar dos seus interesses ou auxiliar a família com o concurso do seu trabalho".

As idéias expressas pelo professor Antônio Euzébio neste texto nos levam a uma análise surpreendente pela consciência do significado social e político com que o professor estabelecia as normas do seu Colégio Formosense.

A juventude formosense fez jus ao espírito democrático da sua escola, quando, na campanha eleitoral de 1944/45, manifestou-se de forma dinâmica e entusiasta pela oposição. Anos antes, ainda na dita-

dura de Vargas, era interventor de Goiás Pedro Ludovico Teixeira. Na praça Rui Barbosa (no jardim como era chamado) foi erguido um pedestal com o busto do impoluto interventor. Mas a rapaziada desta terra tomou-se de birra com o dito busto. Em primeiro lugar, viraram-no para o norte. Foi um "Deus nos acuda". Foram todos os jovens do sexo masculino e pertencentes à UDN intimados à Delegacia de Polícia. Os de maior fama foram mesmo trancafiados nas grades. O tempo passou e, à calada da noite, arrancaram o busto e o jogaram na cisterna que havia no jardim. De lá foi retirado, e, restaurado com solenidade, recolocado no pedestal.

Vivemos mais algum tempo e, certa manhã, o sacristão, ao se dirigir ao campanário para tocar o primeiro sinal para a missa das seis horas, deparou-se com o busto do Dr. Pedro Ludovico enforcado nas cordas do sino da matriz. Aí,

sim, acabou a história do busto, cujo destino ignoramos.

Formosa teve campanhas eleitorais memoráveis! Quentes, buliçosas até certo ponto rancentas, pois os adversários políticos naquela época e no calor das campanhas se tornavam inimigos pessoais. Entre correligionários, no entanto, a amizade era total. Os candidatos se transformavam em ídolos e as alas jovens que animavam os comícios eram apenas entusiastas admiradoras.

Todas as palmas, os "já ganhou" e os "muito bem" eram totalmente gratuitos. Eu, macaca de comício, fiquei mais de uma semana com a mão direita "preservada" até de água, porque tinha sido tocada por Eduardo Gomes.

Contam por aí uma história que não sei se verdadeira ou não. Foi na época do Arraial de Couros, quando em 1777 a cabeça de julgado foi

O coreto da praça Rui Barbosa foi construído em 1939. Até hoje é uma construção que simboliza Formosa





**Festa do Divino:
tradicional em
Formosa**

Quem visita Formosa, antigo Arraial dos Couros, não deixa de lamentar a falta de preservação histórica da cidade. Os casarões e os prédios coloniais, aos poucos, foram desaparecendo do cenário local. Não há como negar, entretanto, que Formosa pulsa o seu cotidiano por atividades comerciais. A lagoa é um prazer à parte.

Chico Nóbrega

transferida para Flores. Não conheço bem como eram as regulamentações eleitorais naquela época, porém dizem que Formosa elegia seus vereadores e Flores os seus. Realizadas as eleições, Flores fez número maior de vereadores que Formosa. Os ânimos se arvoraram. E como a posse seria cá nesta cidade, tramou-se uma vingança. As cadeiras para assento do edil seriam verdes para um município e amarelas para o outro. Intencionalmente as cadeiras da bancada de Flores ficaram para serem pintadas no dia da posse. Com a tinta fresca, podemos avaliar o que aconteceu com a fatiota dos nobres vereadores.

A esta altura sinto-me insegura e preocupada sobre os meus dizeres. Lamento se os consideram como um monte de tolices inúteis e desafinadas. No entanto, apraz-me tanto lançar aqui sementes daquilo que considero e chamo

cultura. Cultura é a alma do povo. Através da alma conquistamos todas as virtudes que formam um cidadão útil e livre. A cultura na sociedade moderna é dinâmica e evolutiva. Nas mínimas manifestações, uma geração pode, dentro da sua própria existência, verificar mudanças. É o que acontece comigo.

O cancionero da minha infância era de uma dramaticidade até catastrófica. Quando ninava meus filhos eu gostava de cantar as músicas da minha meninice. A minha predileta era a história de um garotinho que desobedeceu a mãe e a irmã e foi

apanhar conchinhas na praia. Terminava assim:

*No outro dia bem cedo
Boiava o tenro corpinho
Tomai exemplo meninos
Deste infeliz coitadinho*

Meu filho mais velho fala hoje que dormia condoído e que eu lhe fazia tortura mental.

Terminando a *minha* história, pois é assim que eu o sinto, quero apenas tratar de uma dança que existia como típica no nosso município.

Segundo o Sr. Sebastião Spindola, esta dança era chamada curreleira. Tinha um ritual próprio. Era uma dança rápida com quatro homens: um com uma viola, um com um tambor e outro com um pandeiro enquanto o quarto batia palmas. E cantavam versos folclóricos como:

*Você disse que bala mata
Bala não mata ninguém
A bala que mais me mata
São os olhos do meu bem.
Lá em cima daquela serra
Passa boi passa boiada
Também passa uma morena*

*Da cabeça cacheada.
Oh! cabelo loiro vai lá em casa passear
Oh! vai cabelo loiro pra acabar de me matar!
Você disse que não me quer
É coisa que eu sinto pouco
Eu podia sentir muito
Só se não tivesse outro.*

In Memoriam

A pesquisadora, historiadora e professora Maria Aparecida Hamu Opa faleceu em março deste ano. Este foi o seu último artigo sobre Formosa, para o V Encontro de Historiadores do Planalto. Maria Aparecida foi Secretária Municipal de Educação e Delegada Regional de Ensino de Formosa. Com esta publicação, o DF-Letras lhe presta uma justa homenagem.